



1.º

Encontro de História da Educação em Portugal

“Comunicações”

37 (469) (091)
061.3 (469) "1987"

DL -3 2 1989-065609

NCB 124075

1.º Encontro de História da Educação em Portugal

LISBOA, 14-16 DE OUTUBRO DE 1987

“Comunicações”



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Serviço de Educação
LISBOA / 1988

**CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
NA 1.ª REPÚBLICA PORTUGUESA:
A EDUCAÇÃO POPULAR ATRAVÉS DO JORNAL «A BATALHA» — 1919-1927**

*António José Candéias **

1 — Posicionamento do problema

Este pequeno artigo insere-se num trabalho mais vasto que versa sobre as realizações educativas operárias no primeiro quarto do século XX.

Este trabalho tenta provar que, na época em questão, a posição do Movimento Operário Português relativa às questões educativas passava por uma dupla rejeição face às propostas estatais: por um lado, sublinhava-se que a escola não passava de uma tentativa de reprodução de valores e normas por parte dos estratos sociais dominantes da sociedade portuguesa; por outro lado, e complementarmente aos aspectos atrás focados, tal tentativa de inculcação de normas e valores efectivar-se-ia através de formas de ensinar pedagogicamente autoritárias, que impediriam o desenvolvimento global (integral) das capacidades humanas e técnicas dos indivíduos. Assim sendo, a atitude operária dominante passaria mais pela tentativa de construção duma alternativa educativa face à educação do Estado.

1.1. Dados conjunturais

Vários dados nos permitem sustentar esta hipótese. Em primeiro lugar, a própria concepção de acção sindical salientava os traços de autonomia «cultural e política» dos operários da altura, face às estruturas culturais, sociais e políticas dominantes.

Dentro desta concepção de sindicalismo, a que não era alheia a predominância do pensamento anarquista nas organizações operárias portuguesas, se dizia que «...o sindicalismo comporta dentro da sua organização todos os órgãos necessários à vida complexa e exigente das sociedades progressistas e desempenha por meio desses órgãos todas as funções indispensáveis à complexa expansão

* Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

e consonante aperfeiçoamento dessa vida...» e tem como funções, entre outras, a de «...organizar simultânea e concomitantemente a sociedade futura criando eficientemente um a um todos os órgãos que vão desempenhar as funções de satisfazer as múltiplas e complexas necessidades humanas...» (Organização Social Sindicalista — tese defendida e aprovada no Congresso Confederal da C.G.T., 1922, in Vieira, A., 1974). Tal tipo de teses constituem claros encorajamentos à construção dos esboços de uma sociedade alternativa no seu todo, na qual se inscreveria o caso educativo por nós focado.

Por outro lado, é um facto que o Movimento Operário vai aproveitar o vazio deixado pela incapacidade do regime republicano em cumprir o seu ambicioso plano social, económico, político e educativo, para, explorando a decepção e mesmo a animosidade provocadas pelo não cumprimento das promessas republicanas, se afirmar como uma alternativa global ao regime em si e ao «sistema capitalista» no seu todo. Outro tipo de dados, estes mais factuais mas igualmente importantes, nos permite reforçar a hipótese atrás mencionada.

1.2. Outro tipo de dados: as realizações educativas operárias

Não insistiremos muito neste capítulo, visto que o essencial foi por nós exposto num artigo anterior (Candeias, A., 1987).

Diremos apenas que detectámos nos anos 20 do nosso século a existência de 41 escolas em todo o país, directamente controladas por sindicatos operários agrícolas e de serviços, dos quais 25 estariam instaladas na zona de Lisboa. Trata-se de escolas primárias para crianças, diurnas, tendo também, geralmente, aulas nocturnas para adultos. Esta lista que sabemos ser incompleta vai aumentando à medida que as nossas pesquisas avançam. No entanto, sem termos a veleidade de conseguirmos algum dia fornecer os números totais das escolas ligadas aos sindicatos, tal número indica que as questões de ordem teórico-política gerais eram apoiadas por uma prática real, prática essa que é alvo duma reorganização e estruturação no Congresso Confederal de Santarém (1925), onde é definida com uma clareza exemplar a política educativa da C.G.T., não só a nível organizativo, como inclusive a nível pedagógico (Sousa, M.J., 1933).

É, pois, neste Congresso que é definida a escola ideal do futuro, ou seja, a Escola-Oficina que levará à educação integral do homem, e adoptado sem ambiguidades o credo pedagógico assente em bases filosóficas, que desde o século XVII se vêm estruturando e que são alvo duma reinterpretação por parte dos intelectuais da área do Anarco-Sindicalismo. Estamos, com efeito, a falar do

Racionalismo pedagógico, que define a educação como tendo que ser baseada metodologicamente na psicologia e orientada nos seus fins e objectivos pela sociologia. Desta forma, a psicologia provaria que a criança teria que ser educada num espaço de liberdade e não constrangimento, de forma a desempenhar o seu papel numa sociedade que a sociologia provava como inevitável, ou seja, a sociedade sem classes e sem Estado. Logo, a educação preconizada pelos anarco-sindicalistas portugueses recebe do conceito positivista de «ciência» o seu aval, mas trata-se, como é óbvio, duma reinterpretação do Positivismo que deixará muitos positivistas apreensivos.

Assim e numa definição sucinta fornecida por Peré Solá, o Racionalismo pedagógico consistiria essencialmente numa «...orientação pedagógica cujos métodos e conteúdos do saber se inspiram na ciência e na razão natural, ambas estas instâncias postas ao serviço das ideias sociais comunistas libertárias. Esta ideologia educativa... uma vez adaptada e adoptada pelo meio libertário, conseguiu interessar os seus intelectuais e militantes até ao ponto de o Racionalismo pedagógico chegar a ser assumido como a ideologia oficiosa do Anarco-Sindicalismo. E parece não haver dúvidas de que constituiria uma resposta mais ou menos adequada às necessidades sociais educativas do proletariado afecto ao Anarco-Sindicalismo...» (Solá, P., 1978). Ainda segundo este autor, as bases do Racionalismo Pedagógico encontrariam as suas raízes nomeadamente em: «...a) o Racionalismo livre pensador do século XIX; b) o Cientismo Positivista; c) a crítica social libertária sobre o papel da educação e da escola...» (Solá, P., 1978).

O Congresso operário de 1925, que nos aspectos educativos se faz eco dos vários debates anteriormente existentes sobre o papel da educação operária, nomeia ainda um organismo coordenador da C.G.T. que terá como funções gerais apoiar e desenvolver, orientando-as pedagógica e financeiramente, as várias iniciativas escolares e educativas levadas a cabo pelos sindicatos.

Como resultado deste Congresso, é fundada no Porto, no ano de 1926, uma «Federação de Escolas do Ensino Livre e Bibliotecas Sociais» que terão o seu primeiro Congresso no princípio do ano de 1927, portanto já em pleno período de ditadura militar. A tentativa de ressurgimento democrático do 7 de Fevereiro e a posterior repressão acentuarão as perseguições políticas e militares, começando-se nesta altura a perder a pouco e pouco o rastro das organizações sindicais e, como é natural, das escolas por elas sustentadas.

Assim, e antes de entrarmos no cerne deste pequeno artigo, ou seja, na imprensa operária e particularmente no papel que o jornal «A Batalha» teve em toda esta «intriga», gostaríamos de sintetizar os aspectos principais que anterior-

mente focámos. Destes, gostaríamos de salientar o seguinte: em meados dos anos 20, deparamos em Portugal com uma Confederação Sindical com um esboço de rede escolar em funcionamento, dotada duma «armadura» crítico-teórica definida, em pleno esforço de organização e ampliação, que conta com um corpo de pedagogos que a apoiam (entre eles Adolfo Lima) e com um modelo de referência prático-pedagógico, ou seja, a Escola-Oficina n.º 1, obra da maçonaria em que colaboraram muitos professores ligados ao sindicalismo (além de Adolfo Lima, José Carlos de Sousa, Deolinda Quartim, César Porto, etc.), (Candeias, A., 1987).

Se este esboço da rede escolar pode ser considerado alternativo do ponto de vista pedagógico-político à educação estatal, eis uma afirmação que nos levaria a conclusões precipitadas (ver, entre outros, Nóvoa, A., 1987).

No entanto, que este esboço de rede escolar era «sentido» e «visto» pelas organizações operárias como alternativo à rede escolar e estatal, eis algo de que não duvidamos e que as múltiplas menções e artigos, que a própria imprensa operária lhes dedica, confirmam.

Entramos, assim, no âmago deste artigo, ou seja, na imprensa operária, que se revela duma importância transcendente para a definição e esclarecimento deste delicioso «trama» que tem por objecto o mundo educativo operário. Nesta imprensa, muito vasta e desigualmente importante, gostaríamos de sublinhar o papel que o quotidiano «A Batalha» desempenhou para o nosso trabalho.

2 – O diário sindicalista «A Batalha» – Apresentação e dados gerais

Torna-se difícil para nós fornecer uma ideia exacta da importância deste jornal no âmbito do trabalho que temos levado a cabo. Passámos cerca de um ano e meio em contacto quase quotidiano com as páginas deste jornal, publicado entre Janeiro de 1919 e Abril de 1927. Recenseámos e analisámos neste período de tempo todos (eventualmente com algumas falhas e omissões) os artigos e referências sobre questões educativas publicados nos 2556 números que constituem a colecção completa de «A Batalha».

Detectámos aproximadamente 3500 menções, notas, artigos ou teses sobre educação, publicadas em 1761 exemplares, números esses que excederam todas as nossas expectativas.

Fundado em 1919, meses antes do nascimento da C.G.T., «A Batalha» torna-se o órgão oficial desta Confederação Sindical e constitui também um fenómeno

do ponto de vista jornalístico; entre os anos de 1920 e 1924, ele oscila entre o terceiro e o quarto jornal mais vendido em Portugal (Baptista, J., 1977).

Testemunho da força e da influência do Anarco-Sindicalismo no Portugal dos anos 20, «A Batalha» é, além do mais, um excelente jornal, vivo, combativo, polémico, evitando a demagogia, e constituindo-se num órgão de massas a nível senão nacional, pelo menos urbano.

Com efeito, excedendo a zona da influência do Anarco-Sindicalismo, este jornal torna-se num elemento essencial para a compreensão das ideias e problemas que atravessam o país nos anos 20 do nosso século. Como representante duma confederação sindical, «A Batalha» é também a principal testemunha ideológica, política e cultural do movimento operário português da altura. Tratando-se de um jornal em que a simbiose entre as funções ideológicas e as funções jornalísticas e informativas era quase perfeita, poder-se-á também dizer de «A Batalha» que era um jornal popular. Com efeito, o tipo de linguagem utilizado, o recurso ao humor, a reportagem do quotidiano, a vivacidade do discurso, a oportunidade da polémica, a concepção gráfica e a obsessão pelo rigor fazem dela não somente um «orientador da opinião», mas também um revelador da vida tal qual ela se desenrolava. O seu sucesso dever-se-ia provavelmente a este equilíbrio tão raro e difícil de atingir na imprensa política de massas.

No que se refere a este trabalho, a importância que «A Batalha» assume torna-se, assim, fácil de compreender. Além disso, nunca será demais reafirmar que «A Batalha» com os seus nove anos de publicação diária, ainda que com algumas interrupções ao sabor dos imprevistos da agitada política republicana, é um caso único na imprensa operária da época.

Tratando-se de um jornal representando uma confederação de sindicatos, «A Batalha», pelo noticiário que inclui sobre as várias Federações e Associações sindicais, torna-se de uma utilidade extrema na detecção das escolas montadas pelos vários sindicatos da altura. Por outro lado, ela reflectirá também as grandes polémicas educativas e as principais orientações teórico-pedagógicas operárias, a sua evolução e as suas contradições. Já quando se trata de descer a pormenores, tais como o número de alunos de cada escola, constituição e normas das Comissões Escolares, problemas do quotidiano que tão frequentemente nos revelam a distância que vai das teorias às práticas, «A Batalha» torna-se, como é óbvio, omissa ou insuficiente.

Nestes aspectos, a imprensa sindical de base revela-se o instrumento mais próximo de preencher as frequentes lacunas com que o investigador depara.

Uma vez chegados a este ponto, trata-se aqui de fornecer chaves que organizem o tratamento da informação recolhida nestes anos de trabalho, ou seja, a constituição de uma grelha de análise de conteúdos temáticos sobre a educação, contidos em «A Batalha».

2.1. Ordenamento do material educativo contido em «A Batalha»

A grelha de análise por nós proposta é constituída pelos seguintes itens:

A — *Artigos de fundo*

I — 1. Teóricos.

2. Críticas: *a)* sobre a «Educação Burguesa» (em geral);
b) sobre a Educação em Portugal.

3. Teses educativas apresentadas por:

- a)* C.G.T.;
- b)* congressos e reuniões sindicais;
- c)* leitores e militantes a título individual.

II — 1. Polémicas educativas ou relativas a instituições educativas.

2. Reportagens: *a)* sobre as escolas sindicais;
b) sobre as escolas do Estado;
c) sobre os congressos e movimentos educativos «não sindicalistas».

B — *Notas Breves*

1. Escolas sindicais.
2. Associações e conferências educativas operárias.
3. Escolas do Estado.

Mais do que uma justificação exhaustiva da razão de ser desta grelha, que não se coadunaria com os limites dum pequeno artigo, passaremos a descrever e a dar exemplos, ainda que breves, do material que se enquadra nalgumas das categorias por nós não utilizadas.

Assim, dentro da categoria A-I, passemos ao item 1, ou seja, «artigos teóricos». Trata-se, na sua maioria, de artigos sobre a difusão de novas ideias apoiadas pela C.G.T.. São exemplos do que dissemos, temas tais como:

- Educação Laica, Educação Racional, Educação Social, Educação Integral, a Escola Única, a cultura popular, os intelectuais e a cultura, etc.

Como se pode ver, encontram-se aqui, sobretudo, artigos doutrinários e de formação educativa através dos quais se poderão compreender e detectar

as grandes linhas teóricas propostas pela C.G.T., assim como a sua evolução. Exemplo desta evolução é o progressivo abandono do tema «Educação Laica», progressivamente substituído por temas como Educação Racional, Educação Integral, etc.

Por outro lado, é sempre interessante e por vezes revelador ver a reinterpretação operada pelos jornalistas e publicistas de «A Batalha» face a conceitos e temas que em manuais educativos nos aparecem descritos e utilizados de formas diferentes. Esta reinterpretação é o fruto da adaptação e operacionalização de conceitos por vezes estranhos às ideias sindicalistas, a uma realidade em movimento.

Passemos ainda dentro da categoria A-I ao item 2, ou seja, às «Críticas», que por sua vez se dirigem quer à «educação burguesa e capitalista» em geral, quer à «Educação em Portugal».

Operámos esta divisão tendo em conta o facto de num caso se tratar de críticas ditas fundamentais à própria essência do que é chamada de «Educação capitalista» e, no outro caso, incidirem em aspectos mais concretos face à Educação em Portugal.

Com efeito, assiste-se, por vezes, dentro desta última categoria a uma «démarche» que consiste em comparar a educação em Portugal à de outros países capitalistas mais avançados, com o fim de demonstrar o atraso do país e denunciar a «demagogia e a falta de cumprimento das promessas» que os Republicanos de 1910 tinham abundantemente espalhado.

Esta secção dá-nos também uma descrição por vezes explosiva por parte dos anarco-sindicalistas sobre o panorama educativo português: falta de escolas, inadequação dos edifícios escolares, falta de professores e simultaneamente professores no desemprego, arcaísmo dos métodos pedagógicos, inexistência duma política global de educação, a separação entre a escola e a vida, etc. Esta categoria, onde se encontram críticas por vezes tão chocantemente actuais, preparava o terreno para a contraposição das próprias alternativas da C.G.T..

Passemos, pois, ainda dentro da mesma categoria, ao item 3, ou seja: Teses educativas apresentadas por:

- a) C.G.T.;
- b) Congressos e reuniões sindicais;
- c) Leitores e militantes a título individual.

Trata-se, com efeito, duma divisão necessária.

As teses apresentadas pela C.G.T., duas das quais, a de 1922 para o Congresso da Covilhã que não chegou a ser discutida e a de 1925 para o Congresso

de Santarém, são trabalhos mais extensos e exaustivos e destinam-se sobretudo a serem discutidos em Congressos. Mas estas teses são normalmente precedidas por artigos e moções decididas e discutidas em Assembleias Sindicais e Federais. Paralelamente a estas intervenções, assiste-se também a artigos e opiniões da parte de militantes, pedagogos, professores, etc., que vão dar origem a debates, que, por sua vez, reunidos no Conselho Confederal dão origem a decisões, propostas e recomendações, neste caso sobre questões educativas.

Este foi o caminho percorrido pela tese apresentada em Santarém. Com efeito, o debate sempre latente sobre uma eventual «Federação de Escolas Operárias» é lançado publicamente nas páginas de «A Batalha», em 1924, por um militante membro de uma comissão escolar sindical. Logo de seguida, vão intervindo leitores, militantes, pedagogos, professores, proporcionando-se um debate que justamente não tinha existido aquando da publicação das teses educativas de 1922 para o Congresso da Covilhã. Sem que queiramos estabelecer uma relação de causa e efeito, visto não estarmos na posse de elementos que a permitam estabelecer, o que é um facto é que a sorte destas duas teses foi bem diferente: a de 1922 nem sequer foi lida no Congresso Confederal da Covilhã e a de 1925 foi lida, discutida e aprovada no Congresso Confederal de Santarém.

Passemos, pois, a outro item dentro desta categoria A, ou seja, «Artigos de Fundo»: o item II, constituído por duas secções, respectivamente a que tem por título «Polémicas educativas ou relativas a instituições educativas» e a secção «Reportagens». Dentro destas duas secções gostaríamos de destacar a importância de que se reveste a primeira. Aparentemente difícil de distinguir do item A-I-2, ou seja, «Críticas», o exame do material por nós reunido nesta secção de «Polémicas» afasta as dúvidas face a eventuais semelhanças.

A forma propriamente «jornalística» que caracteriza esta secção afasta-a das tentativas de críticas mais profundas e gerais, que se podem encontrar no item A-I-2. Com efeito, trata-se aqui de polémicas mais específicas, face a casos mais pontuais, mas que nos indicam a posição da C.G.T. sobre algumas questões educativas e institucionais. Aqui encontramos material sobre as «escolas técnicas» do Estado, ou a ausência de vontade em as desenvolver e dignificar, contra a supressão das Escolas Primárias Superiores, de apoio à Associação de Professores de Portugal e à sua filiação na Internacional dos Trabalhadores do Ensino (I.T.E.), etc. No que respeita às polémicas sobre a educação popular propriamente dita, gostaríamos de salientar o longo «braço de ferro» entre a C.G.T. e «A Voz do Operário» que se desenrola entre os anos de 1919 e 1924. Esta polémica que consideramos essencial para a compreensão da história da própria «A Voz do Operário» termina com um desfecho ambíguo, que mantém acesas algumas «chamas» que caracterizaram as relações entre estas duas instituições do Movi-

mento Operário Português. De facto, «A Voz do Operário», último bastião do que restava do Partido Socialista Operário Português, controla na altura (1920) cerca de 47 escolas, envolvendo 2500 alunos (Mesquita, M.C., 1987) e um total de sócios que se aproximava dos 60 000. Tais números são por si só esclarecedores da importância de que se revestia esta instituição educativa popular. O Partido Socialista controlava-a através de uma série de dispositivos que só conferiam o poder de voto aos associados do velho «Sindicato dos Manipuladores de Tabaco», um dos poucos sindicatos ainda controlados pelo velho Partido.

Queria isto dizer que os cerca de 700 sócios do «Sindicato dos Manipuladores de Tabaco» controlavam uma instituição onde estavam filiadas cerca de 60 000 pessoas. Contra esta situação, e provavelmente com o fim de controlar «A Voz», se erige a C.G.T. e os sócios de «A Voz do Operário» a ela afectos. Como resultado da pressão veiculada por «A Batalha», a Direcção de «A Voz» cede parcialmente, concedendo o direito de voto a todos os associados inscritos... há mais de 15 anos na Sociedade!

No que respeita à segunda secção desta categoria A-II-2, ou seja, «Reportagens», pouco há a dizer. Trata-se da compilação das (infelizmente poucas) «visitas» jornalísticas feitas às escolas operárias e do Estado por «A Batalha» e das reportagens levadas a efeito durante os Congressos educativos promovidos pelo Ensino Oficial e Estatal. Descritos sobriamente, mostrando a ambiguidade de relações entre «A Batalha» e este sector do ensino, parece sobretudo existir a preocupação em não melindrar os professores, agrupados num sindicato «neutro», não aderente à C.G.T.. Tal filiação, que é frequentemente esboçada, nunca chega, no entanto, a concretizar-se, o que parece provocar um certo desencanto nos jornalistas de «A Batalha».

Quanto à primeira parte desta secção, ou seja, «Reportagens sobre as escolas sindicais», sendo sem dúvida útil, é muito escassa e dá-nos muito poucas informações sobre estas escolas. Para este efeito, a consulta de jornais como «O Construtor» (Federação da Construção Civil), «O Metalúrgico» (Sindicato dos Metalúrgicos) ou «O Arsenalista» (Arsenalistas do Exército), entre outros, revela-se bastante mais profícua.

Gostaríamos de terminar, fazendo uma referência à última categoria por nós apresentada, ou seja, as «Notas Breves». De facto, esta categoria, constituída por secções informativas praticamente diárias de «A Batalha» e que se resumem a «notícias breves» e pontuais sobre o mundo educativo e associativo operário, revelou-se de utilidade fundamental para o nosso trabalho. Nelas aparecem notícias referentes à fundação de escolas em Associação de Classe, abertura das inscrições de alunos, horários, começo das férias, encerramento das aulas, festas do fim do ano lectivo, festas de recolhas de fundos para as escolas, etc. Sem des-

cerem muito ao pormenor, a regularidade destas secções ao longo dos 9 anos de duração de «A Batalha» fornecem um material muito útil para quem se interesse por estes temas, além de testemunhar a importância conferida por este jornal ao mundo educativo popular. Estas notas servem também de orientação a uma pesquisa mais profunda que terá de se desenrolar a nível da imprensa operária de base, como atrás foi dito.

3 — Concluindo

Cremos, portanto, ter dito um pouco daquilo que achámos essencial no papel de «A Batalha» como fonte primordial de qualquer investigação que tenha por fim o conhecimento das ideias, posições e atitudes, neste caso sobre educação, por parte do Movimento Operário Português dos anos 20. Sem conseguirmos esconder os laços afectivos que se foram criando no decorrer da nossa investigação, entre nós e este magnífico jornal, esperamos ter sido suficientemente objectivos sobre a real importância que «A Batalha» tem, como revelador da vida política, social e cultural entre 1919 e 1927, data em que foi publicada.

- BATISTA, J. — (1977) — *História do diário sindicalista «A Batalha». 1919-1927*, Livraria Bertrand, Lisboa.
- CANDEIAS, A. — (1987) — «As escolas operárias portuguesas do primeiro quarto do século XX» — in *Análise Psicológica*, n.º 3, Série V, Lisboa.
- (1987) — «A Escola-Oficina n.º 1 — esboço de análise duma escola alternativa» — in *Análise Psicológica*, n.º 3, Série V, Lisboa.
- MESQUITA, M. C. — (1987) — «A Voz do Operário» — Dados quantitativos» — in *Análise Psicológica*, n.º 3, Série V, Lisboa.
- NÓVOA, A. — (1987) — *Le temps des Professeurs*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.
- SOLÁ, P. — (1978) — «La escuela y la Educación en las médias Anarquistas de Cataluña, 1909-1939» — in *La Escuela Moderna*, TUSQUETS Editor, Barcelona.
- SOUSA, M. J. — (1976, ed. original, 1933) — *O Sindicalismo em Portugal*, Ed. Afrontamento, Porto.
- VIEIRA, A. — (1974) — *Para a História do Sindicalismo em Portugal*, Seara Nova, Lisboa.
- «A BATALHA» — 1919-1927, editada pela Confederação Geral do Trabalho, C.G.T., Lisboa.

ÍNDICE

NOTA PRÉVIA	7
1.º. TEMA: «A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM PORTUGAL: BALANÇO DA INVESTIGAÇÃO REALIZADA NAS ÚLTIMAS DÉCADAS. COMPARAÇÃO COM A ACTIVIDADE DESENVOLVIDA EM OUTROS PAÍSES»	
<i>Situação actual da História da Educação em Portugal</i>	
Joaquim Ferreira Gomes	11
<i>A História do ensino primário em Portugal: balanço da investigação realizada nas últimas décadas</i>	
António Nóvoa	45
<i>Uma perspectiva sobre a educação da criança nos finais de Seiscentos</i>	
António Gomes A. Ferreira	65
<i>O analfabetismo em Portugal no século XIX: algumas reflexões em perspectiva comparada</i>	
Jaime Reis	75
<i>Contributos para a História da Educação na 1.ª República portuguesa: a educação popular através do Jornal «A Batalha» — 1919-1927</i>	
António José Candeias	81
<i>A «Sorbonne» de Benfica</i>	
J. E. Moreirinhas Pinheiro	93
<i>A história do ensino secundário-liceal português: balanço da investigação realizada nas últimas décadas</i>	
Áurea Adão	97
<i>O ensino público em Portugal no século XVII: avanços e recuos</i>	
Francisco Ribeiro da Silva	115
<i>Escola teológico-pastoral-ascética de S. Domingos, em Portugal</i>	
Frei António do Rosário, op	125

<i>Manuel Nunes Geraldês, um pedagogo covilhanense do último quartel do séc. XIX</i>	
Rui Delgado	129
<i>Balanço e perspectivas da História da Educação no Brasil</i>	
Eliane Marta Teixeira Lopes	133
<i>L'histoire de l'éducation en France</i>	
Pierre Caspard	137
<i>La investigación española en historia de la educación. La Sección de Historia de la Educación de la Sociedad Española de Pedagogia</i>	
Julio Ruiz Berrio	153

2º. TEMA: «FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PORTUGUESA: RECOLHA E TRATAMENTO»

<i>A historiografia da Universidade em Portugal: fontes, bibliografia e problemas</i>	
Luís Reis Torgal e Maria do Rosário Azenha	177
<i>Fontes para a História da Educação portuguesa: importância do acervo dos Arquivos de Coimbra</i>	
Manuel Augusto Rodrigues	195
<i>Fontes para o estudo dos primórdios do ensino do Comércio</i>	
Francisco Gingeira Santana	203
<i>Uma fonte importante para a História da Educação em Portugal: o Núcleo do Reino do Arquivo das Secretarias de Estado</i>	
Nuno Daupias d'Alcochete	213
<i>Breve notícia sobre a existência do Arquivo Histórico do Ministério da Educação</i>	
Maria do Rosário Antunes	217
<i>História da realidade educativa recente em Portugal: problemas de investigação</i>	
Rui Grácio	225
<i>Breve notícia sobre estudos de Pedagogia portuguesa contemporânea</i>	
Manuel Ferreira Patrício	239
<i>Um estudo sobre a evolução dos edifícios escolares, em Portugal: objectivos, metodologia e fontes</i>	
Filomena Augusta Marona Beja	247

3º. TEMA: «A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NUMA PERSPECTIVA
INTERDISCIPLINAR»

*História da Educação, História das Mentalidades,
História da Cultura*

Rogério Fernandes 255

*A História da Educação numa perspectiva
interdisciplinar macroeducativa*

Eurico Lemos Pires 275

*Para o estudo das antropologias com maior influência
na História da Educação em Portugal*

José Ribeiro Dias 279

ANEXOS

*Exposição organizada pela Biblioteca de Ciências da Educação para
o 1º. Encontro de História da Educação em Portugal: Roteiro 295*

Lista de Participantes 309

INDICE 313

